

Sobre o conversor ortográfico-fonético do NILC

Decisões de transcrição (que eu consegui depreender pelo exame da planilha que eles disponibilizam no site deles) :

1) Variação de pronúncia

Os pesquisadores decidiram por registrar alguma variação de pronúncia na transcrição fonética. Mas eu não encontrei referência sobre o embasamento dessa transcrição, quer dizer, eles não mencionam se levaram em conta um dialeto específico para tomar as decisões que tomaram. Aparentemente, não se baseiam num dialeto específico, mas ao mesmo tempo a transcrição não dá conta de tudo o que a gente tem no BR-PT. Apesar disso, se a ferramenta funcionar pros nossos propósitos, tá valendo.

- transcrição das africadas [tʃ] e [dʒ]: africadas são consoantes "híbridas", que começam oclusivas e terminam fricativas. Justamente por isso são transcritas com o símbolo de uma oclusiva, seguido do símbolo de uma fricativa. O "ganchinho" sobrescrito indica que não são dois sons em sequência, mas um único. O pessoal do NILC não usa o "ganchinho". Essas consoantes, via de regra, ocorrem antes de [i] no PT-BR. Caso de "titia", ou "ditado". Nós usamos esse som aqui em Curitiba. Mas ele não acontece em todos os dialetos falados no Brasil - caso do PT-BR falado em Florianópolis, por exemplo;

- não registram vogal epentética: vogal epentética é o nome que a literatura dá à vogal - geralmente [i] que a gente produz entre duas consoantes contíguas, como em "cacto", "afta", "psicologia", em que a gente acrescenta [i] entre <c> e <t>; <f> e <t>; <p> e <t>, respectivamente. Não entendi por que não registram - eles também não explicam - já que esse é um fato que acontece em todos os dialetos do PT-BR, diferente das consoantes africadas. A inclusão dessa vogalzinha pode até mesmo promover a reorganização silábica e acentual de algumas palavras (como ele "opita" - paroxítona)

2) transcrição de /r/:

- [x] em final de sílaba, no meio de palavra e em final de sílaba, no final de palavra

- [ɣ] em final de sílaba, no meio da palavra, quando a primeira consoante da sílaba seguinte é vozeada (Nota: um dos parâmetros articulatórios para a classificação das consoantes é o vozeamento desses sons. Vozeamento diz respeito à vibração das pregas vocais: se as consoantes são produzidas concomitantemente à vibração das pregas vocais, como [z], dizemos que são vozeadas; se são produzidas sem vibração das pregas vocais, como [s], são desvozeadas. Ocorre que algumas consoantes assimilam, "tomam emprestado" o vozeamento da consoante seguinte. Então, esse critério capta a suposta assimilação de vozeamento da consoante seguinte a /r/ por essa consoante;

- **Minha observação:** até onde eu sei não existem estudos que mostrem que /r/ é desvozeado e assimila o vozeamento da consoante seguinte. Não entendo por que colocaram esse detalhe na transcrição.

- [r] em início de sílaba, no meio de palavra, em grupo consonantal, seguindo consoante oclusiva ou consoante fricativa.

3) transcrição de sequências do tipo <V + l> em final de sílaba, meio de palavra e final de sílaba e de palavra:

- decisão foi captar o processo de vocalização da lateral, isto é, o processo que consiste na produção de /l/ como a semivogal [w]. Vejam que em "abalroou" [a.baw.xo.ow] os dois ditongos têm a segunda vogal transcrita da mesma forma;

- **problema:** nos ditongos nasais, como em "mão", embora o som final seja o mesmo de "mau" e "mal", ou seja, [w], o segundo som é transcrito como [ɐ̃]. Pra vocês se localizarem, lá no quadro do IPA: [w] está na seção "outros símbolos" e anota a aproximante lábio-velar vozeada; [ɐ̃] está no quadro das vogais, na coluna das vogais posteriores, entre [u] e [o]. Essa, a meu ver, é uma incoerência da transcrição. Afinal, se o som é o mesmo espera-se que seja transcrito com o mesmo símbolo do IPA.

4) transcrição de sequências <V + nasal>:

- <am>, <an>, <ã>: transcrito como [ã]. Foneticamente esse é um erro, porque a vogal nasal é um som diferente da oral, como a gente pode constatar pelos valores das frequências de ressonância. Por isso, a literatura fonética transcreve essa sequência como [ẽ] ou [ɜ̃]. (O til tinha que estar sobre cada um dos símbolos. Não consegui isso, não sei por quê.)

- , <en>: transcrito como [ẽ];

- <im>, <in>: transcrito como [ĩ];

- <om>, <on>: transcrito como [õ];

- <um>, <un>: transcrito como [ũ]

Convenção "sensível a acento": Essa convenção vale para os casos em que a vogal e a nasal estão na mesma sílaba como para os casos em que a vogal está numa sílaba e a nasal, na seguinte. Nos casos em que a vogal tônica é seguida por consoante nasal no ataque da sílaba seguinte, a vogal tônica da palavra assimila a nasalidade da consoante e é transcrita como nasal: [ma.'trõ.nə], [ma.tu.'rã.nə], [ma.tu.'tĩ.nə], [maw.a.'zi.ɲə], [me.'nĩ.nə], [mẽ.'brã.nəs].

Mas, nos casos em que uma vogal pretônica precede uma consoante nasal na sílaba tônica, a nasalidade da pretônica não é marcada: [me.'me], [mẽ.bra.'nax], [me.'mɔ.ri.ə], [ba.'nã.nə]. Notem que, em "membranar" [mẽ.bra.'nax], a primeira pretônica só teve a nasalidade da vogal transcrita porque a vogal é inerentemente nasal, o que se sinaliza, na ortografia, com a consoante nasal vizinha da vogal, na mesma sílaba (<mem>).

Observação: Não entendi por que estabeleceram esse critério sensível a acento, porque a literatura não registra sensibilidade da assimilação da nasalidade ao acento. Em linhas gerais, a literatura registra variação dialetal dessa assimilação: em estados mais ao sul do país registra-se majoritariamente a pronúncia [ba.'nã.nə], enquanto em estados mais ao norte a pronúncia mais recorrente é [bã.'nã.nə].

5) transcrição de vogais átonas finais: a literatura chama de "vogal átona final" a vogal que segue a sílaba tônica e acontece no final de palavra. Como as últimas vogais de "porta"; "poste"; "perto". A vogal <a> é transcrita como [ə]. Embora eu acredite que eles se baseiem num manual de ensino de fonética e fonologia pra propor essa transcrição, não concordo com ela. Esse símbolo me parece mais apropriado para o português europeu. Pro PT-BR [ɐ] seria mais adequado, em razão das frequências de ressonância desse som registradas na literatura. Implicância minha à parte, se a transcrição der conta do que precisamos, tá valendo.

As vogais <e> e <o> são transcritas, respectivamente, como [ɪ] e [ʊ], que são os símbolos usuais mesmo.

6) transcrição das demais vogais:

- <i>, <a>, <u>: transcritas com os mesmos caracteres do alfabeto. É o *default*;

- <e>, <o>: podem ser transcritas [e], [o], para anotar os sons vocálicos em "vê"; "for" ou podem ser transcritas como [ɛ], [ɔ], para anotar vogais como as de "pê"; "pó", respectivamente.

Esse critério segue o *default*.

7) transcrição de ditongos:

- terminados em <u> são transcritos [Vw], a não ser no caso do ditongo nasal, em que se observa a inconsistência que eu comento no item 3;

- terminados em <i> são transcritos [Vy], como em [bay.'ja.də]

Problemas:

1) o símbolo [y] já foi usado para transcrever a aproximante palatal, que é som que ocupa a segunda posição em ditongos do tipo <Vi>. As versões mais novas do IPA, porém, anotam a aproximante palatal com o símbolo [j]. E fazem isso para sanar um problema de ambiguidade que havia nas versões anteriores do alfabeto, porque o símbolo [y] anota vogal frontal alta arredondada (aquela do francês e do alemão - o "<i> com biquinho" :-)

2) no Quadro 4 de Mendonça e Aluisio (2014) os autores remetem ao índice de acerto do conversor e registram, ali, os símbolos na última versão do IPA. A rigor, portanto, não há - sob esse aspecto - uma correspondência entre o que se declara no texto e a convenção efetivamente adotada no conversor ortográfico-fonético. E notem que a incongruência também acontece com a transcrição dos ditongos nasais.

8) Erros de transcrição:

Para além das inconsistências que eu aponto em alguns itens anteriores, há erros mesmo. Obviamente eu não percorri todo o conjunto de dados, mas consegui detectar alguns:

- [z] em final de palavra: no PT-BR, embora muitas palavras sejam grafadas com <z> no final, a gente não produz [z]. Em final de palavra, se houver pausa seguinte à palavra ou se na sequência uma outra palavra começar com som desvozeado, a gente faz [s], como em [a.'xos], pronunciado isolado. Em resumo: a diferença <s, z> em final de palavra é só ortográfica, mas o som é exatamente o mesmo. Assim, por exemplo, em "vez" e "três" o som final é [s]. Isto é facilmente regrável, por isso não entendi dados como [a.vo.ri.'az] e [av.to.'vaz]. Talvez haja alguma relação com o fato de serem palavras de origem estrangeira - palavra de origem francesa, no primeiro caso, e sigla russa, no segundo. Mas, ainda assim, se a ideia é transcrever como palavra do PT-BR, como é o caso, a gente tem uma inconsistência na transcrição, reforçada pelo dado "avgas", transcrito [av.gəs];

- itens 43480 e 43467 a 43470: vogal pretônica, que a gente pronuncia fechada, foi transcrita como vogal aberta, a exemplo de [fɔ.'gõys]. Não se trata de registrar uma possível pronúncia de um dialeto nordestino, mas de inconsistência mesmo, porque "fogão" é transcrito [fɔ.'gãõ], com a vogal pretônica fechada;

- item 19, [a.ba.e.ti.'tu.bə]: se o critério é registrar as consoantes africadas, como eu comento no item 1, antes da vogal [i] deveríamos ter [tʃ] e não [t];

- itens 11528 a 11534: transcrevem hiato quando deveriam ter transcrito ditongo, como em "bairro", que eles transcrevem [ba.ĩ.xõ], ao invés de ['baj.xõ]. Além disso eles transcreveram o [i] nasal, sabe-se lá por quê;

- itens 60190 a 60197: palavras de origem japonesa, nas quais a africada é [ts] (como a consoante que a gente tem no meio da palavra "pizza"). O pessoal do NILC, porém, transcreve uma africada [tʃ], como em [matʃ.su.'ba.rə]. Talvez essa africada [tʃ] até ocorra em algumas pronúncias, mas nesse caso a gente esperaria o [i] epentético depois dela. Porém, o pessoal do NILC opta por não registrar vogal epentética na transcrição. O resultado é uma pronúncia muito pouco provável no PT-BR, até porque a gente evita sequências como [tʃ.s].

Esclarecimento: minha preocupação em apontar os erros não é pra desmerecer o conversor ortográfico-fonético do NILC, muito menos dizer que não devamos usá-lo. Como comentei em alguns momentos, se a ferramenta nos servir tá valendo. Mas é preciso que a gente fique atento para possíveis problemas. Palavras estrangeiras, por exemplo, podem ser transcritas de modo equivocado, então é preciso prestar atenção pra isso. Também é preciso ficar atento às inconsistências que a gente tem na transcrição, porque elas podem gerar um ruído pra nossa IA.